



O Camponês

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

OS INTERESSES NACIONAIS EXIGEM O FIM DAS GUERRAS COLONIAIS!

Por maiores que sejam as atoardas dos fascistas acerca do fim da guerra de Angola, não podem esconder os factos, a guerra continua. Mais, depois que o povo de Angola em 1961, se levantou de armas na mão para expulsar da sua pátria os colonialistas portugueses, o mesmo exemplo foi seguido pelo povo da Guiné. Hoje, ao contrário do que pretendiam fazer crer os fascistas, Portugal está envolvido em duas guerras (Angola e Guiné) e em breve estará envolvido em terceira — Moçambique.

O sistema colonial do imperialismo está prestes a desmoronar-se por completo. O movimento de libertação nacional é invencível, não há força no mundo capaz de sufocar a aspiração dos povos à independência e liberdade.

Aos imperialistas não lhes agrada que os povos se queiram libertar e lutem. Eles gostariam de continuar a submeter a uma opressão feroz, milhões de homens dos países coloniais, gostariam de continuar a arrecadar fabulosos lucros à custa da exploração e miséria dos povos das colónias. Aos colonialistas não lhes agrada perderem este paraíso, daí a sua resistência, daí o recurso à guerra e ao extermínio das populações.

Os fascistas salazaristas — os ultra reacçãoários do nosso tempo — não se querem convencer que a história roda num sentido contrário à sua existência. Pensam que podem afogar em sangue a determinação dos povos de serem livres, porém, os seus planos estão voados a uma derrota certa, os povos de Angola, Guiné e Moçambique, conquistarão a independência do mesmo modo que a conquistaram muitos outros povos outrora

colonizados. Disto poderão estar certos os fascistas.

As guerras coloniais em que Salazar mergulhou o nosso país são contrárias aos interesses nacionais. O fascismo é o governo dos monopólios (nacionais e estrangeiros), são eles que exploram os povos e as riquezas das colónias. As guerras que aí se travam, servem exclusivamente os interesses dos exploradores do nosso povo e dos povos coloniais. Não é a nossa pátria que está ameaçada, mas sim os lucros dos capitalistas, senhores das colónias. O que está ameaçado é o «paraíso» dos colonialistas, exploradores de milhões de negros. É para manter este «paraíso» que Salazar obriga o nosso povo a sofrer as consequências das guerras coloniais.

O governo para fazer face às despesas de guerra, intensifica a exploração do povo, hipoteca o território nacional com empréstimos ruinosos contraídos no estrangeiro, atenta contra a própria existência de Portugal ao consentir a instalação de bases militares agressivas no solo português.

Enquanto a vida dos trabalhadores se torna insustentável gastam-se milhões de contos na guerra. No ano de 1962, gastaram-se 700 contos por hora em despesas de guerra, quer dizer, o suficiente para pagar o salário de 30\$00 durante um dia a 500 mil assalariados agrícolas.

No mês de Março deste ano foi anunciado que se gastaria 1 milhão e 500 mil contos na aquisição imediata de material destinado às guerras coloniais, ou seja, suficiente para pagar um salário normal durante 2 meses, a mais de 1 milhão de trabalhadores do campo. Não é

evidente que as guerras coloniais são contrárias aos interesses do povo?

O nosso povo não pode consentir que Salazar continue a arrastar o país para uma catástrofe nacional. Pôr fim ao fascismo é uma necessidade imperiosa, é a única forma de abrir ao povo portuquês as vias do progresso, da paz e da felicidade.

Trabalhadores do campo! Intensifiquemos a luta contra as guerras coloniais. Organizemos acções que visem enfraquecer o aparelho de guerra fascista. Exijamos o regresso dos soldados.

ESCREVAMOS POR TODA A PARTE: PAZ SIM, GUERRA NÃO!

AS MULHERES LUTAM

Um rancho de mulheres que andava na monda do arroz por conta do João dos Santos, o «Quer Tudo», reivindicou 18\$00 de jornal. Como ele só quizesse dar 16\$00 elas recusaram-se a trabalhar, acabando o «Quer Tudo» por dar os 18\$00. No Sábado para se vingar despediu todas as trabalhadoras. Mas como o trabalho não se faz sem os trabalhadores o «Quer Tudo» foi obrigado pouco tempo depois a chamar o rancho, comprometendo-se a pagar o mesmo que pagava o vizinho. Como não cumpriu o prometido as trabalhadoras foram para outro lado, chamando-lhe canalha, bandido e gatuno.

Apesar das ameaças de chamar a GNR, porque elas eram comunistas e revolucionárias, as trabalhadoras não se deixaram intimidar e naabalada disseram-lhe: a força não está só em ti, anda, agora monda tu.

AMIGO!

A saída deste jornal representa um grande esforço. Não o destruas fazendo chegar a um teu companheiro.

NÃO CONSINTAMOS TERRAS EM BRAVIO

O problema do desemprego continua a flagelar os campos, enquanto, milhares e milhares de hectares de terra se encontram bravio. Os agrários sob a protecção do Estado fascista, alheios aos interesses do nosso povo, fazem o que bem entendem. Vejamos o que se passa na região do Sado, imagem do resto do país.

Em Alcácer-do-Sal, na margem direita do Sado, existe uma propriedade denominada «Monte da Pedra», pertencente aos monopolistas da cortiça — «Barreira & Irmãos». Estes senhores interessando-lhes apenas a cortiça arrendaram as terras a José Diogo, Luis Rodrigues e Amaro Mota. O primeiro está ligado à Casa Ribatejo e o segundo é industrial da Azambuja e o terceiro empreiteiro da construção civil.

A propriedade «Monte da Pedra» tem 115 hectares de arroz; cerca de 5 de vinha e muitos hectares

de pão e horta, dando de 9 em 9 anos 45.000 arrobas de cortiça.

Nos anos anteriores só nos trabalhos do arroz empregavam-se 500 pessoas e o resto do ano 30 a 40. Agora na mesma propriedade trabalham apenas 2 homens, pois os rendeiros atiraram para lá com o gado deixando-a todavia bravio.

Nestas condições encontram-se várias outras propriedades em toda a região do Sado, enquanto os trabalhadores não têm onde trabalhar.

Porque acontece isto? Será por se produzir de mais? Será que o povo não passa fome? Não, não é por isso, mas sim porque os senhores da terra são aqueles que não trabalham e não estão interessados no bem estar do povo, mas sim nos lucros.

Trabalhadores do Sado! Não consentis que hajam terras por fabricar enquanto vós passais meses a fio sem trabalho. Exigi junto das Casas do Povo, das autoridades e dos agrários, que as terras sejam trabalhadas. Exigi que as terras sejam entregues a quem as trabalha.

MAIOR EXPLORAÇÃO NA COMPORTA!

As perseguições aos camponeses desta grande herdade sucedem-se. O tubarão Espírito Santo, senhor deste condado, não se detém na aplicação de novas medidas de exploração. «O Camponês» que sempre tem denunciado a exploração de que são vítimas os camponeses da Comporta, ainda não há muito alertava os camponeses para a necessidade de se unirem e organizarem com vistas a dar resposta a novas medidas que o tubarão Espírito Santo não deixaria de pôr em prática. A nossa previsão saiu certa, o senhor da Comporta continua a promulgar medidas que visam reduzir as courelas dos camponeses e criar-lhes toda a espécie de dificuldades, para assim terem mão de obra quando desejem e barata.

No Pego, local onde vivem mais de 250 pessoas, depois de terem sido aumentadas as rendas, os senhores da Comporta inventaram nova maneira de arranjar mais

dinheiro, querendo obrigar os camponeses a limparem as «valas» principais (Dunas) que até aqui eram limpas pela Companhia. Mas não é só isto, agora os camponeses já não podem ir como dantes apanhar a erva que se cria à beira das «valas», só lhe podendo tocar se a comprarem, sendo multados se a tocarem sem terem pago. Até a erva já serve para dar dinheiro ao Espírito Santo, senhor dum fortuna de milhões de contos!

Alguns rendeiros protestaram contra esta exploração mas logo o Espírito Santo, pela boca dos seus administradores, disse: «Ou limpam as valas ou tiramos-lhes as terras e plantamos choupos que são bem boas para isto».

Rendeiros do Pego e de todos os cantos da Comporta! Uní-vos e resisti às ordens arbitrarias. Não consentis que vos tirem as terras, nem que sejam plantados choupos. As terras onde estais pretenceis-vos, foste vós que as desbravastes.

Inquanto subsistir o salazarismo, «o servo» dos latifundiários, os exploradores como o Espírito Santo, serão arrogantes, mas a nossa luta diária e constante, unida à de todo o nosso povo derubará o regime dos exploradores e instalará um governo democrático que através dum reforma agrária entregará a terra a quem a trabalha.

SABIAS QUE...



Todos nós conhecemos o que se passa no nosso país no que toca à posse da terra, mas a situação é bem pior do que muita gente julga: Sabias tu...?

— Que ao Sul do Tejo há centenas de explorações agrícolas com mais de 1.000 hectares de terra?

— Que há muitas dezenas com mais de 2.500 hectares?

— Que são mais numerosas do que muita gente pensa as explorações com 5.000 hectares, 10.000 e mais?

— Que a herdade de Rio Frio e Palma têm cada uma cerca de 15.000 hectares?

— Que as 3.500 maiores explorações cabe mais terra que as 400.000 mais pequenas?

— Que menos de 10.000 proprietários possuem mais de metade da terra de Portugal Continental?

— Que os 500 maiores proprietários têm mais terra que os 500.000 mais pequenos?

— Que, se a terra que cabe às 3.500 maiores explorações fosse distribuída pelas 400.000 mais pequenas cada uma destas ficaria com cerca de 10 vezes mais terra?

— Que se se tirasse a terra aos 500 maiores proprietários e se distribuisse pelos 500.000 mais pequenos as suas terras ficavam com dobro do tamanho?

Camponês amigo, talvez não souberes tudo isto, mas sabes que és explorado todos os dias e que a vida nos campos cada vez se torna mais negra? Sabes também que, enquanto centenas de milhar de trabalhadores não possuem um palmo de terra, um punhado de parasitas têm tanto que até a deixam por fabricar.

A solução do problema da posse da terra está na realização da Reforma Agrária preconizada pelo Partido Comunista Português, ou seja, expropriação dos grandes agrários e a entrega das terras aos assalariados e aos camponeses pobres para que as utilizem como melhor entenderem: ou em explorações individuais, que só poderão garantir uma vida folgada aos camponeses se associados em cooperativas, ou como herdades do Estado.

AUXÍLIO A «O CAMPONÊS»

Rubricas para «O Camponês»
Setembro de 1964

| | |
|--------------------|--------|
| Lista N.º 117..... | 16\$50 |
| “ “ 119..... | 4\$00 |
| “ “ 120..... | 7\$00 |
| “ “ 143..... | 12\$50 |
| Total..... | 40\$00 |